

## Origens e antecedentes da intuição pura do espaço em Kant (1768-1769)

[Origins and antecedents of pure intuition of space in Kant (1768-1769)]

Lucas Alessandro Duarte Amaral\*

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) (São Paulo, Brasil)

### Introdução

O tema do espaço foi, com efeito, um dos mais caros no contexto geral do programa epistemológico de Kant. A fim de exemplificar tal estado de coisas, tenha-se presente que em praticamente todo o *corpus* teórico kantiano, este tema aparece e é trabalhado pelo filósofo, seja enquanto tópico principal ou secundário. No entanto, o elemento decisivo que será ressaltado aqui repousa no fato de que a doutrina kantiana do espaço não surgiu de maneira unitária e definitiva em sua carreira intelectual, senão que a mesma sofreu consideráveis reformulações por parte de Kant durante o desenvolvimento de seu pensamento: desde o seu início, em meados da década de 1740, até, pelo menos, 1781, quando é publicada a primeira edição da *Crítica da Razão Pura*.<sup>1</sup>

Tendo em vista que a doutrina kantiana do espaço passa por uma evolução durante esse período, a nossa tarefa aqui não prima por fornecer uma abordagem exegética acerca do assunto em pauta, ou de tratá-lo do modo tal qual ele aparece na doutrina madura do filósofo, nem muito menos investigar o pensamento kantiano como um todo. Pretendemos, por um lado, tratar dos assuntos correspondentes ao tema do espaço em dois anos no marco do desenvolvimento da doutrina

---

\* Doutorando em Filosofia (Bolsista CAPES) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) – Brasil. E-mail: lucasalessandro@hotmail.com – lucasadamara@gmail.com

<sup>1</sup> Nela se aceita que a doutrina da sensibilidade do filósofo de Königsberg encontra-se consolidada, tendo seu *locus classicus* na “Estética Transcendental”.

teórica do pensador (1768 e 1769), e, por outro, fazer alguns apontamentos sobre a importância desses anos a sua filosofia.

Como são duas as principais fontes bibliográficas de Kant analisadas aqui – a saber, o *opúsculo* sobre as regiões do espaço de 1768 e a *R 5037* – optamos por proceder da seguinte maneira: em primeiro lugar tratar do *Opúsculo de 1768*, no intuito de (i) evidenciar o caráter *sui generis* desse escrito no contexto das origens da filosofia crítica de Kant<sup>2</sup>; (ii) expor a argumentação kantiana para provar a realidade do espaço absoluto e (iii) propor algumas contribuições, bem como, certos problemas oriundos dessa concepção de kantiana de espaço em 1768. Num próximo passo, a partir da mencionada *Reflexão* de Kant, mostraremos que o filósofo efetua um novo corte em sua doutrina, relativamente a sua concepção de espaço, nesse momento problematizaremos (i) o que significou essa mudança e (ii) o porquê da mesma.

## 2. O Opúsculo de 1768

O escrito *Sobre o primeiro fundamento da distinção de direções no espaço*<sup>3</sup> foi um texto que representou um divisor de águas no pensamento kantiano, sobremaneira, em se tratando do espaço. A nota característica desse texto se concentra na ruptura de uma tese sobre a natureza do espaço, geralmente atribuída aos leibnizianos (i.e., espaço relativo) e a adoção a tese newtoniana de que o espaço é absoluto, por parte de Kant.<sup>4</sup> Não obstante concordemos que essa tese seja correta, ela é, no mínimo, incompleta e merece uma explicação um pouco mais detalhada. Nesse sentido, vejamos alguns pontos em torno a essa temática, para daí então partirmos ao texto kantiano de 1768.

### 2.1 Antecedentes do opúsculo sobre as direções no espaço

Em uma leitura minimamente atenta de certos textos juvenis de Kant encontramos o filósofo defendendo uma bandeira em defesa da

<sup>2</sup> E esse escopo será entendido aqui como o período que se deu entre o primeiro escrito publicado por Kant, sobre as *Forças Vivas*, até o ano da publicação da primeira edição da *Crítica da Razão Pura* (1781).

<sup>3</sup> *Von dem ersten Grunde des Unterschiedes der Gegenden im Raume* – AA 2, 375-83, doravante *Opúsculo de 1768*. As referências aos textos de Kant remetem à edição da Akademie-Ausgabe e se efetuam segundo o que é norma em trabalhos especializados. Nas citações da *Crítica da Razão Pura* também adotaremos o sistema convencional: a letra ‘A’ para a primeira edição (1781) e ‘B’ para a segunda (1787), seguidas dos números das páginas.

<sup>4</sup> Autores como: De Vesschauer (1934), Campo (1953) e Torretti (1967) são exemplos disso.

noção de espaço relativo<sup>5</sup>. Dessa forma, teríamos algo que lembraria, em algum sentido, aquilo dito por Leibniz sobre a natureza relativa do espaço. Entretanto, isso deve ser levado em consideração com algumas ressalvas.

Partindo para um plano hermenêutico mais refinado de passagens centrais de Kant acerca do tema do espaço nos textos que antecederam o *Opúsculo de 1768*, ver-se-á, na realidade, que nesses mencionados trechos o filósofo de Königsberg estava pressupondo certas coisas que Leibniz nunca pressupôs e, mais ainda, se acaso pressupusesse seu sistema filosófico estaria simplesmente condenado ao fracasso. Para dar aqui apenas um exemplo claro sobre isso, retenha-se que Kant aceita a tese de que as substâncias interagem entre elas. Se isso ocorresse, então uma das mais fortes teses de Leibniz, a saber, aquela com respeito à autonomia ontológica das Mônadas estaria simplesmente anulada. E isso teria implicações diretas na concepção de espaço relativo em Kant e o espaço relativo defendido por Leibniz. Sabemos que esse estado de coisas se sucede a Kant não por acaso senão que, no contexto de sua filosofia juvenil, outros tantos nomes estavam discutindo sobre assuntos que se encontravam na ordem do dia no cenário científico-filosófico. Dentre os tópicos em voga na época, aquele em torno às Mônadas acabou sendo um dos mais marcantes.<sup>6</sup>

Outro ponto importante diz respeito ao fato de que não podemos perder de vista que a leitura que faz Kant da filosofia leibniziana deve

---

<sup>5</sup> Trata-se, portanto, do espaço o resultado das coisas espaciais que o ocupam, ou seja, ele é posterior às coisas espaciais. Para exemplificarmos em dois textos de Kant sua defesa da tese relativa do espaço, escolhemos seguintes passagens: (i) no texto de 1747, *Pensamentos sobre a verdadeira estimativa das forças vivas*, quando o filósofo escreve: “é fácil provar que não haveria espaço nem extensão se as substâncias estivessem desprovidas de forças para atuar fora de si. Porque sem esta força não há enlace algum, sem este, tampouco ordem e, finalmente, sem esta, tampouco espaço. Sem embargo, é mais difícil compreender como se origina a multiplicidade de dimensões do espaço da lei que rege a ação externa dessa força das substâncias” (AA 1, 23); (ii) e a outra, no texto de 1756, *Monadologia Física*, quando o filósofo escreve: “Com efeito, a linha ou superfície que divide um pequeno espaço em duas partes não implica que uma parte desse espaço possa existir separada da outra. Como o espaço não é uma substância, mas um fenômeno de relação exterior de substâncias, a possibilidade de dividir uma relação de uma só e mesma substância em duas partes não é incompatível com a simplicidade ou, se quisermos, com a unidade da substância. De fato, o que está de um lado e doutro da linha de separação não é separável do ponto de vista da substância de tal maneira que mantém a sua própria existência quando é separada – o que é, contudo, necessário para que exista uma divisão real capaz de destruir a simplicidade da substância – mas é uma ação realizada por uma mesma substância, de um lado e do outro, isto é, uma relação onde não podemos encontrar nenhuma pluralidade que separe partes na própria substância.” (AA 1, 480).

<sup>6</sup> Para que se tenha conhecimento de alguns nomes que se propuseram investigar o assunto, levem-se em consideração: (i) Maupertuis, o presidente da academia de ciências de Berlim no período em que o então jovem Kant começava sua carreira; (ii) Boscovich, um importante nome no campo da dinâmica; (iii) Euler, o físico que Kant viria a mencionar por vezes em seus ensaios.

ser compreendida, sobremaneira, a partir da figura do filósofo alemão Christian Wolff, o responsável por propagar a doutrina de Leibniz por aqueles tempos. Portanto, muito daquilo que Kant conhecia sobre o filósofo de Leipzig não foi obtido através de uma leitura de primeira mão, senão que, pelo contrário, esse mesmo conhecimento veio ao filósofo de modo indireto, através das interpretações de Wolff<sup>7</sup> e de sua escola.<sup>8</sup>

## 2.2 O problema do Opúsculo de 1768 e o método proposto por Kant

Em 1768, Kant teve seu marco de referência estabelecido em torno da orbita geral do seguinte problema: o espaço é condição prévia para que existam corpos que o ocupem ou, em sentido contrário, ele depende da existência de corpos para existir? Tendo em vista que nesse momento o filósofo se encontra de acordo com Newton e seus epígonos, Kant, no *Opúsculo de 1768*, ofereceria uma refutação a posição de Leibniz, por uma parte, e provaria da realidade do espaço absoluto, por outra.

Para cumprir seu propósito, Kant inicia sua investigação sugerindo que uma direção (*Gegend*) apontada no espaço não aponta meramente a um lugar no espaço, mas que ele aponta, primeiramente, ao próprio espaço. Inclusive as posições das partes do espaço em suas relações pressupõem apontar para uma direção para onde estão ordenadas. Assim, uma direção não consiste na relação entre as coisas mesmas, senão como que algo fora delas e esse algo não é o espaço. Além disso, apontar a uma direção já seria um bom indício à possibilidade da existência de um espaço anterior aos objetos espaciais. Desse modo, o espaço adquire um caráter unitário e as suas extensões – e.g., as diferentes direções e ordenações dos objetos espaciais – são partes do espaço absoluto.<sup>9</sup> Por fim, Kant iria:

<sup>7</sup> Endossando isso, vejam as palavras de Leonel R. dos Santos: “Haveria ainda que avaliar o peso que a filosofia leibniziana teve na formação filosófica fundamental de Kant, [...] quer por parte de Wolff, quer por parte de outros leibnizianos e wolffianos. Nesse ponto caberia também a análise do pensamento dos mestres de Kant, bem como dos manuais filosóficos por onde estudou e que utilizaria para seus cursos universitários.” (DOS SANTOS, L. R. *Crítica e metafísica: A interpretação kantiana de Leibniz*. In: *A razão sensível – Estudos Kantianos*, p. 99-116. p. 103).

<sup>8</sup> Decerto que outros aspectos dessa trama poderiam ser ainda explorados, todavia isso nos levaria muito longe e perderíamos nosso fio condutor. O intuito desta larga elucidação foi o de apontar para um fator importante, a saber, o de que não se pode simplesmente passar por alto a importância exercida pelos contemporâneos de Kant no período de sua formação acadêmica. Serve-nos, ademais, para atentarmos ao fato de que não houve simplesmente um hiato na história da filosofia que se deu entre Leibniz e Kant, mas que diversos outros nomes – esquecidos ou negligenciados pela história – colaboraram decisivamente aos debates, bem como a edificação do projeto kantiano.

<sup>9</sup> Cf. AA 2, 377-78.

investigar se nos juízos intuitivos de extensão, como os que a geometria contém, não se encontraria uma prova evidente de que o espaço absoluto, independentemente da existência de toda matéria e inclusive como o primeiro fundamento da possibilidade de sua composição, tenha uma realidade própria. (AA 2, 378)

### 2.3 O argumento central: as contrapartidas incongruentes

O argumento kantiano das contrapartidas incongruentes parte do princípio de que o fundamento da determinação corpórea não depende da relação das posições, senão que da relação existente com o espaço absoluto. Por exemplo: se nos são dadas duas figuras iguais – de mesmo tamanho e desenhadas sobre um plano –, então poderíamos concluir que tais figuras podem recobrir-se mutuamente. Todavia, se esse algo dado encontra-se fora de um plano, em virtude da extensão corpórea, então suas superfícies não se encontram num mesmo plano. E isso muda totalmente o caso. Ainda que as figuras dadas sejam iguais e similares, é possível também de que elas sejam diferentes entre si. Isso pelo fato de que os limites de uma das duas pode não corresponder aos da outra.<sup>10</sup>

Para Leibniz e seu programa da *Analysis situs*, igualdade e similaridade implicariam na congruência entre os objetos espaciais.<sup>11</sup> E o que Kant diz não é outra coisa senão que os corpos são iguais e semelhantes e, mais ainda, são incongruentes. Essa é a diferença fundamental entre eles, sendo esse o contra-argumento de Kant à tese leibniziana sobre a congruência. O exemplo utilizado no *Opúsculo de 1768*, sobre a rosca do parafuso e da porca, é sugestivo:

Um parafuso cuja rosca procede da esquerda para direita nunca servirá a uma porca cuja rosca vai da direita para esquerda, mesmo que a espessura e o número de voltas do parafuso fossem iguais na mesma altura. (AA 2, 381)

Dele, obtemos a definição da contrapartida incongruente: um corpo perfeitamente idêntico a outro, mas que não pode ser incluído dentro dos mesmos limites. Análogo a esse caso, outro exemplo fornecido por Kant seriam as nossas mãos. Tanto a direita como a

---

<sup>10</sup> As duas noções mencionadas acima (“igual” e “similar”) devem ser levadas em consideração nesse contexto em sentido estrito. Enquanto “iguais” dizem respeito a figuras que possuem a mesma magnitude ou grandeza, por exemplo, duas figuras de mesma área; “similares” dizem respeito a figuras que possuem a mesma forma e a mesma estrutura do objeto, por exemplo, quando temos dois quadrados, dois triângulos, etc.

<sup>11</sup> Cf. a respeito o capítulo X de Bertrand Russel em: RUSSEL, B. *A critical exposition of the philosophy of Leibniz*. Cambridge U. Press. 1900.

esquerda são iguais, porém, se pusermos uma mão em uma superfície, então não será possível que, no mesmo espaço ocupado por essa mão, a outra o preencha. Assim, teríamos que a contrapartida incongruente da mão direita é a mão esquerda, visto que elas nunca poderão ser incluídas numa mesma superfície. A razão para que tudo isso ocorra diz respeito à diversa orientação espacial, tendo como fundamento de tais orientações o espaço absoluto.

## 2.4 Conclusão de Kant em 1768

Concluindo seu texto, Kant retoma o ponto problemático por ele levantado inicialmente: se o espaço fosse uma relação externa entre as coisas, então, o espaço seria “aquele ocupado por uma dada coisa” (AA 2, 383). Contudo, se o mesmo fosse essa ordem de coexistência, então o fenômeno da incongruência não seria possível e por esse mesmo motivo, o argumento kantiano central não seria nem sequer necessário. A apresentação do argumento da contrapartida incongruente é de dupla importância: na medida em que ele serve de alicerce para a refutação da tese de Leibniz na qual reza que toda contrapartida é congruente, obteve-se ainda que similaridade não implica em congruência, *i.e.*, ser enquadrado nos mesmos limites.

Se não levarmos em conta que os corpos estão voltados a uma direção, não será possível distinguir as contrapartidas incongruentes. Precisamente aí verificamos a virada kantiana: ele conclui a realidade autônoma do espaço, advogando que as determinações do espaço não derivam das situações dos objetos, mas são estas que dependem daquelas, e, portanto, o espaço é absoluto, independentemente das relações que ocorrem nele e é necessário para o estabelecimento de tais relações. Assim sendo, o espaço não é um objeto da sensação externa, mas um conceito fundamental que torna todos os objetos (neste caso aqueles externos) possíveis; ou, dito em termos kantianos: é condição de possibilidade aos objetos espaciais.

## 2.5 As contribuições e os problemas na concepção de espaço de 1768

Propomos, inicialmente, as contribuições<sup>12</sup> do *Opúsculo de 1768* à posteridade do pensamento kantiano para depois tratarmos dos problemas nele contidos. São elas:

1. A refutação a Leibniz: enquanto em vários escritos pré-críticos Kant criticava Leibniz em muitos aspectos, ao falar do espaço neles, o filósofo defendia a posição de espaço enquanto algo relativo, assumindo um partido que se atribuía geralmente a seu oponente.<sup>13</sup> Ao que parece, o último aspecto a ser desvencilhado por Kant com respeito a Leibniz é justamente sua concepção espacial, e isso ocorreu somente em 1768.
2. A geometria: repetidas são às vezes em que Kant menciona a disciplina no decorrer de seu texto. Inclusive o argumento fornecido pelo filósofo garante ao geômetra o fundamento do espaço absoluto.<sup>14</sup> Nesse sentido, levantamos a seguinte hipótese: estaria Kant, ao tratar dos juízos intuitivos que a geometria contém, dizendo algo similar ou, no mínimo, começando a esboçar aquilo que ele mesmo defenderia anos mais tarde, seja na primeira *Crítica* seja nos *Prolegômenos*, com respeito aos juízos da matemática – e, neste caso particular, os da geometria – serem sempre intuitivos, ou seja, que os mesmos carecem de uma intuição<sup>15</sup> (e, no que se refere à geometria, da intuição pura do espaço)? Pela primeira vez em sua carreira Kant diz algo dessa natureza.
3. A gênese do conceito de intuição pura: relacionado com o item anterior, outra hipótese de trabalho com a qual trabalhamos diz respeito ao conceito de intuição pura (*reine Anschauung*). Kant ao final de seu texto defende que se quisermos apreender a realidade do espaço, isso só seria possível através de uma intuição<sup>16</sup>. Nessa parte, Kant poderia estar adiantando, de um modo embrionário ainda, aquele conceito sobre qual ele

---

<sup>12</sup> Não pretendemos explorá-las de modo definitivo aqui, mas tão somente fazer alguns apontamentos com respeito àquilo que julgamos serem os aspectos relevantes desse escrito às origens da filosofia crítica, em especial no que se refere ao tema do espaço.

<sup>13</sup> Cf. a nota 5 acima.

<sup>14</sup> “A prova que aqui procuro deve fornecer não aos mecânicos, como o senhor *Euler* tinha em vista, mas aos próprios geômetras uma razão convincente para que possam afirmar, com sua evidência habitual, a realidade do seu espaço absoluto” (AA 2, 378).

<sup>15</sup> Cf. nos *Prolegômenos* o § 7 (AA 4, 281).

<sup>16</sup> Cf. AA 2, 383.

exploraria amiúde anos mais tarde, na *Dissertação de 1770*, por intuição pura.<sup>17</sup>

4. O primeiro argumento da “Exposição metafísica”: existe um aspecto no que se refere à natureza do espaço que Kant preservaria de 1768 até sua primeira *Crítica*, a saber, sua natureza não empírica<sup>18</sup>. No primeiro argumento da “Exposição metafísica” do espaço – em que se pretende expor o conceito de espaço enquanto dado *a priori* –, Kant admite que o espaço não se trata de um conceito empírico, e tal fato já se encontra presente em 1768.

Não obstante tais contribuições do texto de 1768 à filosofia madura de Kant, nós sabemos que nos escritos posteriores ao mesmo, o filósofo abandonaria essa visão acerca do espaço enquanto algo absoluto, e isso ocorre por bons motivos. Se na *Crítica da Razão Pura* Kant mantivesse essa mesma concepção espacial contida no *Opúsculo de 1768*, então seu projeto filosófico estaria fadado a sérios problemas.

Enquanto no contexto do *Opúsculo* de 1768, temos a influência direta de Newton e Euler, que são cientistas e se preocupavam prioritariamente com os problemas da física; por outro lado, temos Kant, que não era propriamente um cientista natural, mas sim um filósofo. E sabemos que um de seus grandes problemas foi, para além daqueles concernentes à matemática e à física enquanto disciplinas de cunho científico, o do estatuto da metafísica como ciência. Portanto, se fosse o caso de ocorrer na *Crítica da Razão Pura* o mesmo que aconteceu no *Opúsculo de 1768*, i.e., considerando o espaço um ente absoluto, então se levarmos tal consideração as suas últimas consequências, isso acarretando, entre outras implicações, que o espaço trata-se de uma coisa em si.<sup>19</sup>

Outro fator que não podemos perder de vista seria o de que no texto de 1768 Kant ainda não dá conta de resolver tais pendências, mesmo porque algumas delas nem o próprio Kant havia desenvolvido de maneira plenamente satisfatória. O que se nota em 1768 – como ocorria noutros de seus primeiros textos – é um Kant preocupado em enfrentar um problema que lhe foi outorgado por sua própria época. E como vimos, no *Opúsculo de 1768* esse tema foi o espaço, um assunto de cara importância a Kant, bem como, aos pensadores de seu tempo.

<sup>17</sup> Cf. o § 10 da *Dissertação de 1770* – AA 2, 396-97.

<sup>18</sup> Cf. AA 2, 378.

<sup>19</sup> Algo que Kant nega expressamente na *Crítica da Razão Pura*. Cf., por exemplo, § 8 da ‘Estética Transcendental’, especialmente sua segunda advertência: A 46-49 – B 63-69.



Por fim, foi possível observar no *Opúsculo de 1768* um escrito mais maduro no que concerne especificamente ao tema do espaço, sendo que, a partir dele, o mesmo tema rumo numa direção em que Kant não abandonará por completo suas ideias, senão que seguirá avançando sua doutrina, reformulando determinados pontos quando necessário.<sup>20</sup>

### 3. A “grande luz de 1769”

O ponto de partida das investigações relativo ao ano de 1769 e sua importância em Kant repousa num testemunho do próprio filósofo: a *R 5037*<sup>21</sup>. Nela encontramos a afirmação do filósofo de que “o ano de 1769 me deu uma grande luz”<sup>22</sup>. Esta luz diz respeito à ocorrência de uma nova, e decisiva, ruptura em sua doutrina, a saber, a idealidade subjetiva do espaço (e também do tempo).<sup>23</sup>

O mérito histórico em torno à descoberta da *R 5037* remonta ao nome de B. Erdmann em 1876, que foi o precursor de uma interpretação da mencionada *Reflexão* a qual concordamos em seus pontos fundamentais.<sup>24</sup> Com respeito a sua análise, são três os pontos que nos interessam<sup>25</sup>:

1. De acordo com Erdmann, a “doutrina” referida por Kant na *Reflexão* trata-se da antinomia da razão pura.
2. A “grande luz” se refere à nova teoria de espaço e tempo de Kant: a doutrina da idealidade subjetiva do espaço e do tempo. Ao se considerar espaço e tempo como tais, as antinomias, em particular as matemáticas, são evitadas.

<sup>20</sup> Cf. a propósito: Torretti, R. (1967), p. 131-32.

<sup>21</sup> Essa *Reflexão*, segundo Adickes, data entre os anos de 1776-78.

<sup>22</sup> Nela lemos o seguinte: “Se eu conseguir convencer que é necessário suspender a elaboração dessa ciência até que sobre este ponto se tenha convencido, então este escrito terá atingido seu propósito. No começo vi esta doutrina como em um crepúsculo. Eu tentei bastante seriamente demonstrar proposições e seu contrário, não para fundar uma doutrina cética, mas porque eu suspeitava que eu pudesse descobrir onde a ilusão do entendimento se encontrava. O ano de 1769 me deu uma grande luz.” (AA 18, 69).

<sup>23</sup> Ou seja, quando Kant passaria a conceber o espaço e o tempo como formas puras de nossa intuição. Ademais, essa nova teoria refletiria, no fim das contas, naquela decisiva parcela assumida pela sensibilidade na “inversão copernicana” de Kant. Inversão esta que, como sabemos, consiste na ideia-chave que orienta a solução do problema colocado por pelo filósofo na primeira *Crítica*. Cf. a propósito no prefácio à segunda da *Crítica da Razão Pura* especialmente as páginas B XV-XIX.

<sup>24</sup> Nessa interpretação, encontra-se um dos trabalhos pioneiros sobre a filosofia kantiana com respeito à gênese do problema antinômico. Essa mesma leitura de Erdmann por um bom tempo foi considerada a versão standard da *R 5037*.

<sup>25</sup> Cf. a propósito a extensa nota 2, nas páginas LXXXIII-LXXXVI, do *Einleitung zu Immanuel Kant's Prolegomena zu einer künftigen Metaphysik, die als Wissenschaft wird auftreten können* de Erdmann em que ele problematiza os três pontos a seguir.

3. Quando Kant diz “demonstrar as proposições e seu contrário”, isso diz respeito às teses e antíteses das antinomias, as quais (ainda que contraditórias entre si) são demonstráveis rigorosamente.

Ainda que nos ocupemos por ora somente com a leitura de Erdmann, em que o problema antinômico é enfatizado, outras interpretações, dos interesses mais diversos<sup>26</sup>, concederiam razão a este autor na medida em que ele considera que a “grande luz” significa a idealidade subjetiva do espaço e do tempo. Assim, a questão “no que consiste a ‘luz de 1769?’” receberia como resposta unânime: a “grande luz de 1769” diz respeito a idealidade subjetiva de espaço e tempo. No entanto, resta analisar ainda o porquê dessa nova posição de Kant em 1769. São três os possíveis motes que contribuíram para a mudança entre 1768 e 1769: (i) o problema do spinozismo; (ii) um novo impacto de Leibniz e (iii) o problema antinômico.

### 3.1 O problema do spinozismo

Em determinados textos de Kant, encontramos alusões do filósofo a Spinoza. As referências a este – ou melhor, contra este – são feitas a fim de justificar sua teoria de espaço e tempo (enquanto ideais e subjetivos) como a única opção para se safar do espectro do spinozismo.

Se retomarmos uma das lições de Spinoza em sua *Ética*, de 1677, a saber, aquela referente a todos os modos que existem enquanto absolutos, lembraremos que este filósofo defende a tese de que o espaço, tomado como tal, é um modo de ser e de se dar a conhecer Deus.<sup>27</sup> Se assim o fosse, a agenda de Kant estaria seriamente comprometida. Todavia, como vimos, a partir de sua nova doutrina de 1769, espaço e tempo são entendidos enquanto formas puras da sensibilidade, e não realidades em si e assim Kant estaria livre do problema do spinozismo.<sup>28</sup>

<sup>26</sup> Autores como: K. Reich (1958); J. Fang (1967); J. Schmücker (1974) não partilham essa interpretação de Erdmann das origens do problema antinômico em Kant. Por outro lado, autores como: H. Vaihinger (1881-92); E. Cassirer (1956); H. J. de Vlesschauwer (1934); e R. Torretti (1967) estão de acordo com Erdmann na medida em que aceitam a tese de que o problema antinômico desempenha um papel nesse momento de virada entre os anos de 1768 e 1769.

<sup>27</sup> Cf., o escólio da proposição 23 da primeira parte da *Ética (De Deo)* de Spinoza.

<sup>28</sup> Lembremo-nos de que em 1768 Kant havia defendido a tese de que o espaço é real e absoluto. Nesse sentido, a ameaça do spinozismo tem sua origem em Kant justamente no *Opúsculo de 1768*.

São pelo menos três os escritos<sup>29</sup> de Kant em que se encontram documentados a mesma proposta: o argumento utilizado pelo filósofo encontra respaldos em sua nova teoria de espaço e tempo como sendo a única alternativa para se livrar do espectro do spinozismo. Desse modo, nessas três fontes encontramos Kant advogando que espaço e tempo são representações *a priori* necessárias para existência dos objetos físicos e que não podem ser determinações das coisas em si, pelo fato de que se acaso fossem teriam que ser considerados atributos divinos, como fazia Spinoza.

### **3.2 A nova leitura de Leibniz: os *Novos Ensaios e as Correspondências com Clarke***

Outro dos fatores a que devemos atentar para com respeito à mudança de Kant em sua teoria do espaço entre 1768 e 1770 foi o de sua nova incursão na leitura de Leibniz num momento-chave no marco do desenvolvimento de sua doutrina.

Se, por um lado, aquilo dito por Kant contra Spinoza acerca do problema de se atribuir um caráter ontológico ao espaço foi algo importante, por outro lado, o mérito de tal constatação não deve ser imputado de exclusivamente ao filósofo de Königsberg. Anterior a ele e seus relatos, Leibniz já havia notado isso e dedicado seu tempo a refletir sobre esse mesmo problema. Contudo, diferentemente do que ocorreu no caso de Kant, a disputa de Leibniz não foi diretamente com Spinoza, mas com Newton. Não obstante, a mesma crítica por parte de Leibniz não se concentrou tão só aos newtonianos da época, senão que a todos aqueles de seu tempo que defendiam uma concepção espacial na qual o espaço fosse considerado um ente absoluto.

De acordo com certa tradição, foi defendida a tese de que Kant leu no ano de 1769 a querela Leibniz-Newton nas *Correspondências com Clarke*.<sup>30</sup> Além disso, esses autores ressaltam que essa leitura influenciou o filósofo de tal modo que isso teve impacto direto no que concerne à elaboração da sua teoria da idealidade subjetiva de espaço e tempo.

---

<sup>29</sup> São eles: 1. *A Metaphysik L 2*, a qual figura em: AA 28, 567 ; 2. *Crítica da Razão Prática*: AA 5, 101-102; e 3. Na *R 6317*: AA 18, 626-628.

<sup>30</sup> Kant, já a fins da década de 1760, não havia lido as *Correspondências com Clarke*, um texto decisivo a nosso ver. Soma-se a isso ainda o fato de que o escrito *Novos Ensaios* de Leibniz foi publicado tardiamente, em 1765. Disso resulta que, como dissemos anteriormente (cf. nota 7 acima) que o conhecimento que o autor da *KrV* possuía da obra leibniziana era resultado da forte leitura de Wolff e sua escola.

No intuito de justificarem sua hipótese, os membros do grupo desta interpretação fizeram uso de algumas passagens textuais das *Reflexões*, que supostamente datariam o ano de 1769. H. Vaihinger, em seu comentário da primeira *Crítica*,<sup>31</sup> quem primeiro atentou para leitura de Kant das *Correspondências com Clarke* no período entre o *Opúsculo de 1768* e a *Dissertatio de 1770* e estabeleceu uma relação entre algumas das Reflexões de Kant e certas passagens das *Correspondências com Clarke*.<sup>32</sup> Finalmente, tais interpretes vincularam ainda essa querela com o problema antinômico.<sup>33</sup>

### 3.3 O problema das antinomias matemáticas: os limites do espaço e a divisão infinita

Retomemos, de início, que os temas correspondentes às duas primeiras antinomias da *Crítica da Razão Pura* dizem respeito, respectivamente:

1. Aos limites do mundo: sendo, no caso da tese, finito (i.e., possuindo um começo no tempo e limite no espaço) e, no caso da antítese, infinito (i.e., não tendo nem começo ou limites no espaço e infinito tanto no espaço quanto no tempo).
2. Acerca da divisibilidade infinita das substâncias: sendo que as substâncias compostas são constituídas por partes simples, no caso da tese, e, no caso da antítese, que nada no mundo é composto por partes simples.

Sabemos que o infinitamente grande ou pequeno não podem ser objetos da experiência, sendo, portanto, ilusões produzidas pelas inferências dialéticas da razão. Kant, na “Dialética Transcendental”, para além de tratar da impossibilidade de conhecimento daqueles objetos suprassensíveis – os quais a metafísica especial almejava obter

<sup>31</sup> H. Vaihinger (1881-92).

<sup>32</sup> Depois de Vaihinger, Cassirer (1953) também seguiu esse mesmo viés, como veremos em seguida.

<sup>33</sup> De acordo com Cassirer (1953, p. 577, nota 24): “Las *Reflexiones* contienen referencias profundas e inequívocas que demuestran cuán detenidamente se ocupó Kant de los problemas planteados en la correspondencia entre Leibniz e Clarke. Cf. por exemplo refl. 1416, 1417 y 1426 (problema del comienzo del mundo em el tiempo) con la quinta carta de Leibniz, § 55; refl. 1557 (sobre el movimiento del cosmos) con Leibniz, V, 52; refl. 1423 (las dificultades relacionadas con el lugar del mundo y del tiempo antes del mundo) con la tercera carta de Leibniz, § 5 y con la carta cuarta, §§ 13 ss.; refl. 1458 (sobre la divisibilidad ‘lógica’ e no ‘real’ del espacio absoluto) con la cuarta réplica de Clarke, §§ 11 y 12. Todas estas reflexiones giran claramente dentro da la órbita general de pensamientos del problema de las antinomias;”

conhecimento –, mostra o erro que se comete ao tentar inferir, a partir de certas premissas condicionadas, consequências absolutas e especificamente no caso mencionado por nós aqui: a de um todo infinito e da divisibilidade infinita.

A totalidade absoluta da série empírica demanda sempre que o condicionado seja um conceito da experiência<sup>34</sup>. Contudo, no caso das antinomias, a razão efetua uma espécie de salto e neste ultrapassa a série empírica, chegando inevitavelmente ao incondicionado.<sup>35</sup>

Levando em conta o nosso caso específico, uma das pretensões de Kant na “Dialética Transcendental” seria a de mostrar que a razão teórica é incapaz de conhecer o infinito. Se considerarmos espaço e tempo enquanto nossas intuições, então ambos não ferem a cláusula que se feriria caso os mesmos fossem entes absolutos, infinitos ou reais. Assim, espaço e tempo devem ser formas subjetivas de nosso modo de intuição, externa e interna respectivamente. A teoria da idealidade subjetiva de espaço e tempo teria, portanto, como um de seus fatores decisivos a tomada de consciência de Kant do problema antinômico em 1769 e em particular das antinomias matemáticas.

#### 4. Considerações finais

Os anos de 1768 e 1769 foram decisivos a Kant no que se refere à elaboração da sua teoria da idealidade subjetiva do espaço. Como vimos nas páginas precedentes, o espaço seria, dentro do programa consolidado de Kant, uma das duas condições de possibilidade para que um objeto da experiência nos apareça. E isso foi extremamente importante ao seu sistema teórico. Todavia, isso nem sempre foi considerado assim por parte do filósofo, senão que a mesma temática sofreu desdobramentos decisivos no decorrer de sua carreira. No marco das origens da filosofia crítica, tendo como contexto essas décadas (de 1740 até o início dos anos 1780) muitíssimas coisas se ocorreram na filosofia kantiana, e seja em se tratando do campo teórico ou do prático. Contudo, com respeito ao espaço particularmente, os anos decisivos foram 1768 e 1769, tendo mostrado, a nosso ver, as cisões decisivas com respeito ao tema em questão.

---

<sup>34</sup> Kant, na “Dialética Transcendental” – na 5ª seção do capítulo “A antinomia da razão pura” –, faz uma relevante constatação ao tratar da 1ª antinomia (i.e., aquela acerca dos limites do mundo no espaço e no tempo). Cf. *KrV*, A 487 – B 515.

<sup>35</sup> Cf. *KrV* A 505-507 – B 534-535.

## Referencias

- ARANA, J. *Kant y las tres físicas*. Crisis de la Modernidad, Salamanca, Sociedad Castellano-Leonesa de Filosofía: 1991. Páginas: 55-79.
- BEISER, F. C. *Kant's intellectual development*. In: GUYER, P (org.): *The Cambridge Companion to Kant*. Cambridge U. Press. Páginas: 26-61. 1992.
- BURTT, E. A. *As bases metafísicas da ciência moderna*. Editora UNB, 1991.
- CASSIRER, E. *El problema Del conocimiento*, Vol. II. Fondo de cultura Econômica. 1953.
- CAMPO, M. *La genesi del criticismo kantiano*. Varese. Magente. 1953.
- DE VLESSCHAUWER, H. J. *La Deduction Transcendentale dans L'Ouvre de Kant. Tome Premier : La Deduction Transcendentale avant la Critique de la Raison Pure*. Garland Publishing, Inc. 1934.
- DOS SANTOS, L. R. *Crítica e metafísica: A interpretação kantiana de Leibniz*. In: DOS SANTOS, L. R.: A razão sensível – Estudos Kantianos, Lisboa. Edições colibri. Páginas 99-116. 1994.
- EISLER, R. *Kant Lexikon. Hidelshiem*: Georg Olms Verlag, 1984.
- ERDMANN, B. *Einleitung zu Immanuel Kant's Prolegomena zu einer künftigen Metaphysik, die als Wissenschaft wird auftreten können*. Leipzig, I-CXIV. 1878.
- FANG, J. *Das Antinomienproblem in Entstehungsgang dre Transzendentalphilosophie. Kant-Interpretationen*. Münster, 1967.
- FRIEDMAN, M. *Kant and the exact sciences*. Harvard U. Press. 1992.
- GERHARDT, K. I. (ed.) *Leibnizens mathematische Schriften*. Vol. 5. Halle. Druck und Verlag von H. W. Schimidt. 1858.
- HINTIKKA, J. *Kant on the mathematical method*. In: POSY, C. J.: KANT'S PHILOSOPHY OF MATEMATHICS – Modern Essays. Kluwer Academic Publishers. Páginas: 21-42. 1992.
- JAMMER, M. *Conceitos de Espaço: A história das teorias do espaço na física*. Contraponto PUC-RIO. 2010.
- KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Trad. Manuela dos Santos e Arthur F. Morujão. Lisboa. Fundação Calouste Gulbekian, 1991.
- KANT, I. *Critique of Pure Reason*. Trad. Paul Guyer. Cambridge U. Press. 1998.
- KANT, I. *Forma e princípios do mundo sensível e do mundo inteligível*. Trad. Paulo Licht dos Santos. In: Escritos pré-críticos, 1ª edição. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- KANT, I. *Handschriftlicher Nachlass, Akademie Ausgabe, AA XVII-XVIII. B. IV-V*. Ed. E. Adickes. Berlin. Berlin. 1912.
- KANT, I. *Manuscrit de Duisburg (1774-1775) – Choix de Réflexions des années 1772-1777*. Trad. François-Xavier Chenet. Paris. Librairie Philosophique J. Vrin. 1988.
- KANT, I. *Metaphysic L<sup>2</sup>*. In: Lectures on Metaphysics. Ed. e trad. Karl Ameriks and Steve Naragon. Cambridge U. Press. New York. 2001.

- KANT, I. *Metaphysical Foundations of Natural Science*. Trad. M. Friedmann. Cambridge U. Press. New York. 2002.
- KANT, I. *Pensamientos sobre la verdadera estimacion de las fuerzas vivas*. Trad. Juan Arana Cañedo-Argüeles. Peter Lang. Bern. Frankfurt am Main New York. Paris. 1988.
- KANT, I. *Prolegômenos a Toda Metafísica Futura*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2008.
- KANT, I. *Reflexionen Kants zur Kritischen Philosophie*. Ed. B. Erdmann. Leipzig. 1882.
- KANT, I. *Sobre o primeiro da distinção de direções no espaço*. Trad. Rogério Passos Severo. In: *Cadernos de Filosofia Alemã*, São Paulo, v. 2, pp. 61-75, 1997.
- KANT, I. *Uso da metafísica unida à geometria em filosofia natural cujo espécime I contém a monadologia física*. Trad. José de Andrade. In: *Textos pré-críticos*. Ed. rés. Porto. 1983.
- KANT, I. *Vom dem ersten Grunde des Unterschiedes der Gegenden im Raume*. Akademie Ausgabe, AA II. Ed. E. Adickes. Berlin. 1912.
- KEMP SMITH, N. *A commentary to kant's critique of pure reason*. Palgrave Macmillan, 2008.
- LEIBNIZ, G. W. *Correspondências com Clarke*. Trad. Carlos Lopes de Mattos. São Paulo: Abril Cultural. 1978.
- LEIBNIZ, G. W. *Monadologia*. Trad. Marilena Chauí. São Paulo: Abril Cultural. 1978.
- LEIBNIZ, G. W. *Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano*. Trad. Luis João Baraúna. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- LINHARES, O. B.: *O despertar do sonho dogmático*. Trans/Form/Ação. São Paulo. 28 (2). Páginas: 53-81. 2005.
- PATON, H. J.: *Kant's Metaphysic of Experience – A commentary on the first half of the Kritik der Reinen Vernunft*. 2 Vol. London. 2004.
- REICH, K. “Über das Verhältnis der Dissertation und der Kritik der reinen Vernunft und die Entstehung der kantischen Raumlehre.” In: Kant. *De mundi sensibilis atque intelligibilis forma et principiis*. Introdução à tradução alemã de Hamburg, Felix Meiner. P. VII-XVI. 1958.
- RUSSELL, B. *A critical exposition of the philosophy of Leibniz*. Cambridge U. Press. 1900.
- SMCHUKER, J. “Zur entwicklungsgeschichtlichen Bedeutung der Inauguraldissertation von 1770”. In. *Kant-Studien*, v. 65 P. 263-282. 1974.
- SPINOZA, B. *Ética Demonstrada segundo a ordem geométrica e dividida em cinco partes*. Trad. Tomaz Tadeu. Ed. Autêntica. Ed. Bilingue: latim-português. 2007.
- TORRETI, R. *MANUEL KANT – Estudio sobre los fundamentos de la filosofía crítica*. Ediciones de la Universidad Chile. 1967.
- VAIHINGER, H. *Commentar zu Kants Kritik der reinen Vernunft*. Studgard/Berlim/Leipzig Union Deutsche Verlagsgesellschaft. 1921. 2 v.

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo investigar o tema do espaço em dois anos do arcabouço teórico do filósofo Immanuel Kant: 1768 e 1769. Ainda que se trate de apenas alguns poucos anos dentro de uma carreira intelectual que ocupou décadas, defenderemos a tese de que foi exatamente nesse período específico em que se encontram mudanças decisivas por parte do filósofo no que se refere a determinadas posições defendidas por ele mesmo em seus textos anteriores aos anos que nós exploraremos aqui, por um lado, e, por outro, a descoberta de problemas nos quais o tema do espaço desempenha um papel fundamental. Para a realização de tal tarefa, optamos por proceder da seguinte maneira: primeiramente trataremos do Opúsculo de 1768, sobre as direções do espaço, escrito em que Kant rompe em definitivo com a noção de espaço relativo (a qual remonta, em última análise, ao nome de Leibniz), e passa a aceitar a tese newtoniana de espaço absoluto. Feito isso, apontaremos ainda para as possíveis contribuições do mencionado texto à posteridade do pensamento de Kant, bem como, determinados problemas lá contidos em vista do que o filósofo diria acerca do espaço nos anos subsequentes. Em um próximo passo, a partir da Reflexão 5037, será exposta uma nova compreensão por parte de Kant: dessa vez, um tanto diferente do Opúsculo de 1768, mostrando-se uma doutrina muito mais próxima daquela defendida pelo filósofo em seus textos do período crítico. Palavras-chave: Kant; espaço; virada crítica; idealidade.

**Abstract:** The present paper aims to investigate the space theme in two years inside Immanuel Kant's theoretical framework: 1768 and 1769. Though it treats of just a couple of years among an intellectual career occupied by several decades, we defend the thesis that it was precisely in this specific period that we find some changes from Kant's part concerning positions claimed by himself in his writings before these years which we intend to explore here, on the one hand, and, from another, the discovering of problems in which the space theme plays a fundamental role. To fulfill such task, we opt to proceed this way: firstly we'll treat the 1768 opuscle, on the directions of space, written in which Kant breaks definitively with the notion of relative space (which goes back, ultimately, to the name of Leibniz), and passes to accept the Newtonian thesis of absolute space. From this, we'll point out to the possible contributions of the refereed text to Kant's posterity, as well, some problems there contained in view of what the philosopher would say about space in the following years. In the next step, from Reflection 5037, it will be expose Kant's new understanding: this time, a little bit different from the 1768 opuscle, showing a doctrine closer from that defended by the philosopher on his critical period.

**Keywords:** Kant; space; critical turn; ideality.

Recebido em: 06/16

Aprovado em: 11/16